grante no local para o qual era enviado. Assim, sentiram tanto as dificuldades de comunicação com os centros consumidores, prejudicando o escoamento da produção, como a falta de assistência médica, religiosa e educacional reclamada pelos imigrantes do século passado e do início deste. A falta de escolas, evidentemente aliada a outros fatores, continuou sendo a grande responsável pela mobilidade do imigrante que, antes de tudo, quer garantir um futuro melhor para seus filhos.

Isto não quer dizer que o Estado de Goiás tenha permanecido indiferente; pelo contrário, tomou uma série de medidas para receber os *DPs*: nomeou um representante do Estado junto aos órgãos federais ligados à imigração, criou um Serviço Estadual de Imigração e facilitou a instalação de uma delegacia da *IRO* (*International Refugee Organization*).

Muito embora a ida para o núcleo não fosse obrigatória — alguns encaminharam-se para fazendas e outros permaneceram na cidade de Itaboraí — cerca de duzentas pessoas estabeleceram-se nele e foram objeto de investigação por parte do A. Imbuídos do sonho de trabalhar em terra própria, cedo se decepcionaram com as condições oferecidas. Para Magalinski o sistema de cooperativas não agradou aos *DPs*, de acordo com depoimentos colhidos: “já temos experiência de cooperativas no leste da Europa, foi por este motivo que fugimos de lá” mas, sobretudo, porque ao identificarem as cooperativas aos *kolkhoz* eram levados a rejeitá-las. Daí porque, talvez, o porquê do sistema de ajuda mútua tão comum entre os poloneses na Europa não ter vingado entre eles em Goiás, pois todas as tentativas fracassaram.

No correr do trabalho o A. demonstra ter sido a experiência, como cooperativa, um fracasso mas que “o imigrante sobreviveu, conseguiu vencer e se integrar definitivamente em Goiás”. São as últimas palavras de Magalinski.

Isto posto, concordamos com o prefaciador — João Baptista Borges Pereira —, quando destaca como pontos importantes do estudo em questão o deter-se sobre “um grupo que, pelas suas características étnicas, pelas suas experiências históricas e pela sua categoria especial de imigrante — Deslocados de Guerra (*Displaced Persons*) — até agora não havia merecido atenção maior dos especialistas” e por incluir na historiografia imigrantista o Estado de Goiás.

Arlinda Rocha Nogueira

MARIZ, Vasco — *História da Música no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, INL, 1981. (Coleção Retratos do Brasil, Vol. 150; 331 p.)

São raros os volumes sobre música brasileira impressos atualmente no Brasil. Principalmente os referentes à música brasileira erudita. Desde a *História da Música Brasileira* de Renato Almeida em 1942 (2ª ed., Rio de Janeiro, Briguier), obra fundamental para estudantes e apreciadores da arte musical, não havia aparecido outro livro imprescindível nas bibliotecas musicais. Pode-se imaginar então as dificuldades de Vasco Mariz para cobrir um tempo ainda maior que o estudado por seu antecessor. Sua *História da Música no Brasil*, recentemente publicada, vem suprir uma lacuna.

No Brasil não são escritos trabalhos musicológicos específicos sobre nossos compositores, pois as pesquisas sempre os relegam a um segundo plano. Isto faz com que um estudo como o de Mariz se torne, por mais completo e atual que seja, um trabalho quase que exclusivamente preocupado com aspectos biográficos. Tal limitação decorre naturalmente da ausência de análises de estilos e de épocas.

O trabalho de Mariz foi-lhe encomendado em 1979 pelo diretor-presidente da Editora Civilização Brasileira, Énio Silveira. Para a sua feitura, o autor recebeu a contribuição dos compositores vivos que lhe forneceram dados sobre seus próprios trabalhos contando também com o auxílio do eminente musicólogo Luiz Heitor Correa de Azevedo. Morando em

Paris, Luiz Heitor possui uma vasta biblioteca especializada reunida ao longo de sua incansante atividade de pesquisador da música brasileira.

Além de estudioso da música, com várias obras publicadas, Mariz é diplomata. É atualmente Embaixador do Brasil em Israel, cargo que lhe facilita a correspondência e a consulta a bibliotecas. Entre seus primeiros trabalhos destacam-se *Figuras da Música Brasileira Contemporânea* (Porto, Imprensa Portuguesa, 1948), ampliado e reeditado em 1970 (Brasília, UnB) e *A Canção de Câmara no Brasil* (Porto, Livraria Progedior, 1948) que em 1980 chegou à 4ª edição como *A Canção Brasileira* (Rio de Janeiro, Cátedra).

Mas o grande mérito de Vasco Mariz é o de ter pesquisado em profundidade a vida e a obra de Villa-Lobos. Em 1949 escreveu *Heltor Villa-Lobos, Compositor Brasileiro* (Rio de Janeiro, ed. do Ministério das Relações Exteriores, da qual o MEC imprimiu a 5ª edição em 1977), obra de grande valor, traduzida para o inglês e para o francês.

Deve-se destacar seu *Dicionário Bibliográfico Musical* (Rio de Janeiro, Kosmos, 1949), único no gênero em português, que infelizmente não foi ainda ampliado ou reeditado.

Quanto à *História da Música no Brasil*, na introdução que historia a formação étnica da cultura musical brasileira citando Mário de Andrade, Renato Almeida e Regis Duprat, o autor é talvez menos extenso do que o necessário. Apesar disso, consegue traçar uma interessante divisão em que situa estilos e compositores de nossos dias. Percebe-se, entretanto, que Mariz se sente mais à vontade falando sobre o nacionalismo, Villa-Lobos e seus primeiros seguidores.

Os músicos dos séculos XVIII e XIX são apresentados nos seis primeiros capítulos onde o autor trata da música da colônia, das cortes de D. João VI e Pedro I, do Império e a da República. A Carlos Gomes é dedicado um capítulo especial.

A música do século XX é focalizada em dez capítulos. Vasco Mariz inicia esta parte com Villa-Lobos e o que chama de Primeira Geração Nacionalista. Conforme sua divisão por tendências e escolas, agrupa os compositores da Segunda e Terceira Gerações Nacionalistas. Camargo Guarnieri merece um capítulo a parte assim como a Escola Dodecafônica, os compositores da primeira geração pós-nacionalista e a música daqueles que considera os "independentes". Mariz termina o volume abordando "Outros Valores Novos". No final de cada capítulo é apresentada a bibliografia que serviu a Mariz, o que é extremamente prático e animador para novas pesquisas.

Conforme suas próprias palavras tentou fazer uma obra imparcial, eliminando nomes menores entre os antigos e avaliando tudo "sem patriotadas". No entanto, se de um lado a figura do Padre José Maurício (1767-1830) é realçada, por outro, 37 anos após os primeiros trabalhos de Curt Lange, a escola dos músicos mineiros do século XVIII continua no ostracismo. Além disso, julgar os compositores contemporâneos de Lobo de Mesquita (1740-1805) como de significação "histórica apenas" demonstra, por parte de Vasco Mariz, certa desconsideração para com a extensão de seus trabalhos e de seu valor. Em outros momentos, tem-se a impressão de que o autor não se preocupa com o processo de montagem de partituras destes artistas esquecidos. As ressaltas, contudo, não empanam a importância desta história da música tão necessária e esperada.

Flávia Camargo Tomi

WOLFSKILL, George and PALMER, Stanley ed. — *Essays on Frontiers in World History*. Austin, University of Texas Press, 1981.

Trata-se aqui de cinco ensaios em homenagem ao historiador Walter Prescott Webb, um dos que mais se dedicaram à história das fronteiras, tendo se destacado com as obras: *The Great Plains* e *The Great Frontier*.